

Do Relativismo Filosófico e outros Relativismos

Aldo Sergio Lorenzoni¹

Resumo: O artigo quer refletir sobre a consistência filosófica da posição dos relativistas. Define o que se entende por relativismo filosófico e mostra como a Filosofia está fundada sobre a Verdade, metafisicamente aceita pela nossa razão, que é busca incessante do ser e a ele se subordina.

Palavras-chave:

Introdução. Podemos começar com a pergunta: qual é o panorama filosófico desse início do século XXI? Creio que muitos observadores das várias linhas da filosofia contemporânea concordam que um dos temas mais recorrentes, nas obras e resenhas de obras que tratam de Filosofia, na atualidade, é o tema do relativismo. Mesmo autores de obras mais genéricas o mencionam e lastimam².

Os sistemas ditatoriais, ensaiados no século XX, inspirados no *idealismo hegeliano*: os fascismos diretamente e os *marxismos* indiretamente, sobrelevaram de tal forma a razão, que provocaram a reação do seu desprezo, no *anti-intelectualismo* dos existencialistas mais radicais.

A nossa época chega a um quase compromisso. Sem se declarar abertamente cética, pelo abandono da busca da verdade, proclama o que está, no título da obra de Luigi Pirandello: “*Così è (se vi pare)*”³, talvez a melhor expressão teatral, caricata, do relativismo contemporâneo: a verdade é toda particular, é algo de subjetivo. Cada um tem a sua verdade...Não há como falar de verdade ética. Há verdades,

¹ Professor de *História da Filosofia Medieval* no Instituto Superior de Filosofia da Ucpel. É doutor em Filosofia.

² Veja, por exemplo, a obra do polêmico autor americano Samuel P. Huntington, “*O Choque de Civilizações e a recomposição da Ordem Mundial*” p. 551. (Tradução na Edit. Objetiva Ltda, Rio de Janeiro, 2010).

³ Bonacci Edit. Roma, 1995. (“*Assim é, se lhe parece*”). Pirandello ganhou o prêmio Nobel de literatura em 1934. A comédia, que expressa a visão do autor, da impossibilidade de chegar à verdade, é do começo do século XX (1917).

relacionadas com os valores, núcleos das várias culturas.⁴ Tal posição, generalizada e cômoda, sustenta-se na Filosofia?

É bom investigar mais a fundo a sustentabilidade da posição filosófica do relativismo e por que muitos autores contemporâneos se filiam a ele. Começemos por tratar dos termos, com que estamos trabalhando, porque há muita confusão, no seu emprego. Que significa, em Filosofia, relativismo?

1. Uma primeira aproximação do termo diz que relativismo vem de relativo, como oposto a absoluto, o mesmo que não fixo, variável de indivíduo para indivíduo, de tempo para tempo. É assim que as enciclopédias filosóficas descrevem o relativismo: “...*toda concepção que não admite princípios absolutos em nenhum campo do saber e do agir*”.⁵

O relativismo, como posição filosófica, limita o nosso conhecimento e o subordina às condições subjetivas circunstanciais de tempo, de lugar, e de utilidade de quem conhece. Daí, dizer-se que não conhecemos a coisa em si, mas como *nos aparece*, porque a interpretamos e modificamos, ao conhecê-la. Se conhecemos que a realidade é cambiante, nos seus vários aspetos, tanto físicos, como sociais e culturais, se o próprio conhecedor muda, influenciado por tais mudanças, como afirmar que a verdade também não muda? Com essa posição, não há como manter uma afirmação de valor absoluto. Todas as nossas verdades seriam puramente *relativas*. O que se demonstra hoje, como verdade, amanhã ou em outro lugar, pode ser visto como falso.

⁴ Pensa assim Dario Antiseri, num artigo, publicado na revista da Universidade Católica de Milão, “*Vita e Pensiero*”, nº 5, 2005.

⁵ Enciclopedia Filosofica, *Bompiani*, 2006, Vol. X, (*Relativismo*) p.9535. A tradução é do autor. A.Lalande, no seu “*Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*” tem “*Relativismo: Doutrina que admite que todo o conhecimento (ou todo o conhecimento humano) é relativo*”. E nos remete ao verbete “*Relatividade do conhecimento*” que funda o conhecimento humano, segundo as teses de Kant. (Tradução portuguesa da Editora *Martins Fontes*, São Paulo, 1999)

2. Se dizemos que o relativismo se encontra presente no pensamento de filósofos contemporâneos, suas raízes, no entanto, se encontram nos primeiros pensadores da filosofia ocidental, na Magna Grécia. Entre eles distingue-se Protágoras, com a afirmação, tão a gosto da gente do nosso tempo: “o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são.”⁶ Parece claro que se deve entender o seu dito, em sentido individualista, isto é, para cada um, é verdadeiro o que lhe aparece como tal. Protágoras observa que nenhum dos dois, que dizem coisas opostas, está enganado. Ambos são verdadeiros. E estende a sua afirmação relativista também para os juízos morais. “*Pa,ntwn crema,twn*” (de todas as coisas) inclui também os valores éticos, o que é discutido nos diálogos de Platão que afirma o valor da verdade objetiva e universal, para os juízos morais. “Com esse princípio, Protágoras pretendia negar a existência de um critério absoluto que discrimine ser e não ser, verdadeiro e falso.”⁷

Da idade antiga da filosofia passamos para a moderna e encontramos várias formulações filosóficas que levam ao relativismo.

Assim, descobre-se que o relativismo contemporâneo, em quase todas as suas formas, é uma consequência da larga dose de positivismo nos ambientes acadêmicos, do final do século XIX e do século XX. Os pensadores, de alguma forma, ligados ao *Círculo de Viena* são bem a amostra disso, com o assim chamado *positivismo lógico*.⁸ O positivismo, costuma formular-se, tendo como princípio o postulado dos três estágios do saber com a superação da metafísica e, portanto, a

⁶ No Fragmento *vAlh, qeia h` kataba, lontej*”, apud Copleston-F., *A History of Philosophy*”, Vol. I, part. 1, p. 108. Image Books, Garden City, N.Y. 1962. A citação se encontra discutida no *Teeteto* e no *Protágoras* de Platão, *ibidem*.

⁷ G. Reale e D. Antiseri, “*História da Filosofia*”, Vol. I, 6ª edição, Paulus, São Paulo, 1990, p. 76

⁸ Bom número dos pensadores austríacos, no começo do século XX, por razões políticas, emigraram para a Inglaterra ou para os Estados Unidos; entre eles L. Wittgenstein e K. Popper, que editaram suas obras em inglês.

impossibilidade de discutir-se a verdade, por faltar-lhe o fundamento: o ser.

Levados por esse postulado, vários autores se põem a repensar as ciências em seu conjunto e, devido à falibilidade do objeto de seus estudos: as ciências experimentais, concluem com generalizações, de sabor nitidamente relativista. Vê-se, então, substituído o conceito de verdade pelo de probabilidade.⁹ Nesse ambiente escorregadio das várias ciências, sempre a superarem-se nas suas conclusões, conforme avança a investigação, conclui-se que a verdade está condicionada pelo tempo e pelo espaço. Karl Popper representa esta maneira de pensar: todo o nosso conhecimento “*é sempre falível e conjectural*”. A verdade nunca é alcançada, mas devemos sempre mais nos aproximarmos dela.

3. Costuma-se dividir o relativismo em vários campos onde impõe o seu princípio de negação de estabilidade cognitiva, em que não há possibilidade de afirmações definitivas, válidas para todos. Interessa-nos, primeiramente, o relativismo filosófico, que tem como base a negação da metafísica. Consequentemente, a verdade absoluta não é de nosso domínio. Excluída a verdade metafísica, cada um tem a sua verdade...

Na argumentação desses autores relativistas, descobre-se o desconhecimento ou a subjacente diminuição da força da razão, para conhecer.

4. Conhecer a realidade é a característica da razão, é sua originalidade. Os sentidos conhecem parcialmente. São o puro aparecer. Objeto da razão é o ser, diante do qual o intelecto humano, naturalmente, se subordina, tentando captar-lhe todos os níveis e facetas, para enriquecer-se dele, naquilo que “*lê*”¹⁰ no real. Para isso, está dotado do *juízo* a expressar toda a nossa capacidade de conhecimento, limitada, mas real e por isso

⁹ Veja a obra de R.Carnap, *Logical Foundations of Probability*, Chicago, 1950. B.Lonergan (op. Cit)

¹⁰ A etimologia da palavra ‘*intellectus*’, de *intus-legere*, exprime este esforço da inteligência de chegar ao interior da coisa, à sua essência, no senso comum.

veraz. Prova é que, ao concluirmos que nossa mente errou – e, às vezes, nos damos conta de que erramos – buscamos, com todos os meios disponíveis, a correção, que é adaptar-se à realidade. A nossa mente é sempre *desejo de conhecer*¹¹, outra expressão para dizer que é busca da verdade. O seu objetivo é o ser, que expressa no juízo¹² sobre o dado que lhe chega dos sentidos, e não uma possível construção mental ou “virtual”, na linguagem da cibernética. O próprio dado inegável de pôr-se questões e de pôr a si mesmo em questão, em relação à realidade, revela a natureza do ser humano, a sair de si pelo conhecimento e chegar ao real. O específico da inteligência (a especificidade da razão) é abranger-se a si mesma na afirmação, arriscando-se naquele “é” que diz; que, se o processo foi bem feito, produz a verdade, expressão da realidade.¹³ Isso não se coaduna com o dizer que *nosso conhecimento é sempre conjectural* (Popper). Afirmar que nosso conhecimento progride, do imperfeito para o mais perfeito, porque alcançado um novo patamar, não necessariamente significa que se negue o conhecimento anterior. Quando o conhecimento imperfeito é aprimorado, porque resiste ao critério da verdade – a evidência de sua realidade - é acrescentado ao cabedal do conhecimento: a ciência. Todos temos consciência desse progresso.

¹¹ São as primeiras palavras da Metafísica de Aristóteles (‘ pa,ntej av,nqrwpoi tou/ eivdh,nai ovre,gontai fu,sei’; “All men by nature desire to know.” Metaphysics, Book I, 1. (A tradução é de W.D.Ross, publicada pela eBooks@Adelaide, The University of Adelaide.). Também Platão, na *República*, livro VI (501d) fala do filósofo “apaixonado pelo ser verdadeiro”.

¹² Ver em P. Hoenen, S.J.”*La Théorie du Jugement d’après Saint Thomas d’Aquin*”, Edit. Altera, Gregoriana, Romae, 1953. E mais recente, o monumental, B. Lonergan “*Insight*”, *A study of human understanding*”, The University of Toronto Press, 5th edition, 2000. No cap. XI, Lonergan faz uma análise da posição do relativismo: “*Contrast with relativist analysis*”, p.366.

¹³ Aristóteles, no Vº livro da Metafísica, havia analisado a ligação entre o “é” do juízo com o ser real, para produzir-se a verdade. Santo Tomás o comenta magistralmente: “*Unde dicit quod esse significat veritatem rei ... Veritas propositionis potest dici veritas rei per causam. Nam, ex eo quod res est vel non est, oratio vera vel falsa est.*” In *V Metaphysic., lectio 9, ns. 895 e 896. Edição Marietti.*

5. Assim, não há como fugir à clássica definição da verdade: *veritas est adaequatio intellectus ad rem* (concordância da inteligência com a coisa) que pressupõe a *adaequatio rei et intellectus* concordância da coisa com a inteligência.¹⁴ O relativismo desconhece o alcance desta capacidade de a mente alcançar o real e se ater a ele, riqueza básica do homem, pela qual o ser é *des-coberto* e afirmado.

Mas isto supõe o aspecto fundamental do real, do ser: a inteligibilidade. A inteligibilidade não é algo de extrínseco ao ser. É sua própria essência concretizada. Diz B. Lonergan: Por inteligibilidade queremos dizer o que deve ser conhecido pelo entendimento. O ser não está além do inteligível nem fora ou diferente dele.¹⁵

Da afirmação dos relativistas de que tudo muda no mundo, que o que nós chamamos de mundo é só um contínuo substituir-se de mudanças, não autoriza o filósofo a concluir que o ser é só mudança e movimento. Já os antigos – Aristóteles sobretudo – esmiuçaram o sentido metafísico do movimento e da mudança e concluíram que o movimento é um *dever*, um *tornar-se* que só pode ser entendido com o plexo de ato e potência, no íntimo da noção de ser. Sem a noção de *ser em potência* *du, nami j o*; *n* voltamos à posição insustentável das aporias dos Eleatas. É então forçoso concluir para o ser-ato-sem potência, ato-puro do aristotelismo, evitando o processo infinito e indefinido do contínuo mudar, sem sua razão de ser. E deve-se dizer também que “se tudo muda” não muda a verdade de que tudo muda.¹⁶

¹⁴ Já em Aristóteles, temos a distinção dos dois aspetos da ‘avlh, qeia’ (verdade). M. Heidegger começa examinando essa definição, no seu opúsculo “*Von Wesen der Wahrheit*”, Klostermann, Frankfurt, 1949. (Da essência da Verdade).

¹⁵ “*By intelligibility is meant what is to be known by understanding. By the intrinsic intelligibility of being is meant that being is precisely what is so known or, in negative terms, that being is neither beyond the intelligible nor apart from it nor different from it.*” Op.cit. p.523.

¹⁶ Como dizia E. Severino, num artigo recente do “*Corriere della sera*”: *anche per loro (os relativistas) è una verità irrefutabile e assoluta che nel mondo tutte le cose mutano col tempo.*” *Verità e relativismo*, 03 Luglio 2012

A verdade é um dos aspetos do ser real. Todo ser é verdadeiro porque, de alguma forma, está relacionado com a mente. Está apto, enquanto ser, a ser descoberto e afirmado pela inteligência. E, se vale o princípio de não contradição, a verdade também não pode ser contradita, senão pelo erro, pela falsidade (*nenhuma coisa pode ser verdadeira e não-verdadeira, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto*). Há então uma verdade, não duas...

6. Uma das razões da defesa do relativismo é a suposição de que a posição coerente da afirmação da verdade e a afirmação da existência de valores éticos objetivos, abertos a todos, leve à intolerância e à privação da liberdade e da democracia, no plano político¹⁷. Aqui se labora em equívoco *mui grande!* Conhecer a verdade, como base da norma moral, não significa querer impô-la aos outros. Trata-se não de presunção arbitrária, mas de convicção pessoal fundamentada. São planos bem diferentes, em que agem a verdade moral e a política. A primeira se encontra no âmbito interno da razão especulativa. A outra busca realizar, enquanto possível, na prática, o bem comum do universo social, depois de passar pelo crivo da discussão e do convencimento dos agentes sociais, às pessoas. A tolerância é a atitude daquele, para quem a verdade se traduz no bem comum, e o bem comum se funda na verdade, reconhecida no valor objetivo da pessoa e do próprio ser. A verdade é maior do que as mentes que a professam, e, por isso, respeita o processo que cada uma empreende, para atingi-la e nela permanecer.

7. A conclusão que se nos impõe é que o relativismo, como posição filosófica, não tem sustentação razoável. De fato, o relativista não atua como relativista. No convívio humano, todos buscam a verdade, base comum do que significa

¹⁷ Assim, por exemplo, o filósofo italiano, simpatizante de K. Popper, D. Antiseri, em "*Vita e Pensiero*", nº 5, 2005. Para salvar o relativismo na ética, apela para a chamada "*lei de Hume*." (Os valores fundamentais de um sistema ético são o resultado de escolhas pessoais, não de argumentação de natureza racional.) Para D. Hume, as escolhas são feitas por sentimento e sentimento de simpatia. (G.Reale e D. Antiseri "*História da Filosofia*" Vol.II, 4ª edição, Paulus, p.573)

conhecer. E conhecer quer dizer alcançar o real, mesmo com todas as limitações de interpretação que ocorrem, da parte do sujeito e do objeto. Mas ninguém se contentará jamais com “a sua verdade”. Ela tem que se encontrar na Verdade.

Abstract: *The article aims to reflect on the philosophical position of the relativist consistency. Defines what is meant by philosophical relativism and shows how philosophy is founded on Truth, metaphysically accepted by our reason, which is relentless pursuit of being and it is subordinated.*

Key Words:
